

# Saudando Alberto Oliveira

Geraldo Fontenele

Exmo. Sr. Presidente da Academia Cearense de Letras  
Digníssimas autoridades  
Srs. Acadêmicos  
Minhas senhoras e  
Meus senhores

“Canghidzá Dirétókiériá, ináro cohóbe ifété radádi” (*assim repetiam Cristo nossos irmãos indígenas, conforme o livro de doutrina cristã na Língua Basílica da Nação Cariri, de autoria do pe. Luís Vicencio Mamiami, edição de 1698 (“Bem-aventurados os mansos porque eles possuirão a terra”, segundo o Sermão da Montanha)*)

Cessa, esta noite, a viuvez da cadeira nº 35, vaga com o falecimento do confrade Argos Vasconcelos, a quem rendo um pretoito de saudade.

Alegre fiquei quando o Presidente desta Casa me disse: “Saudarás o professor Alberto Oliveira!”.

Rejubilada está a Academia Cearense de Letras ao eleger por unanimidade esse ilustre filho de Pacatuba, ordenado sacerdote, no Seminário da Prainha em 1949, formado em Direito pela Universidade da Paraíba em 1978, licenciado em Filosofia, Sociologia (Itália), Pedagogia (França) e portador de curso de Atualização Pedagógica (Israel). Professor concursado da Universidade Estadual do Ceará e Universidade Federal do Ceará. Licenciado pelo Vaticano, constituiu um lar abençoado.

Na Assembléia Geral verificada no dia 13 de agosto último, apenas oficializou-se a condição de sócio efetivo e perpétuo de Alberto Oliveira, pois espiritualmente há muito que ele se integara em nossa Academia, a cujas sessões freqüentava na condição de amigo da Casa. Alma sensível, suave, Alberto Oliveira foi sempre um homem conciliador e fraterno. *Laudare dignus, honesta actio est* (Louvar os homens dignos é uma ação nobre).

Cultura polimorfa, multimorfa é também a sua visão do mun-

do fazendo-se presente em vários campos da ciência e do saber. Porém vou enfocá-lo apenas sob três primas: o orador, o escritor e o poeta.

## Orador

*Pectus est quod disertus facit* (O coração faz o orador)

Meu velho companheiro da Academia Cearense de Retórica, pude constatar, ao fluir dos anos, em benfazejo convívio, o valor do mestre como conferencista e orador. Naquela instituição, aprendemos que os maiores momentos da humanidade têm sido através da Oratória, manejada sob a égide da Retórica. Juntamente com outros companheiros, temos seguido a Retórica, a arte da eloquência e da persuasão. Retórica é a palavra candente do Pascal, aquele vivia na cela de um santuário e convergia para sua imorredoura personalidade, a razão, a fé e a experiência, na sua tríplice condição de pensador, místico e asceta, aquele que aos 12 anos demonstrava os teoremas de Euclides e que nos deixou páginas como “Sobre as Paixões do Amor”. (O amor não tem idade, sempre nasce. Os poetas no-lo dizem. Por isso mesmo o representam como uma criança. Mas sem perguntar-lhe nada o sentimos”). Retórica são as peças famosas com o discurso pronunciado na Academia Francesa por George Louis Leclerc, conde de Buffon (“A verdadeira eloquência pressupõe o exercício do intelecto e a cultura do espírito”, disse o precursor de Darwin e Lamarck). Praticar a Retórica é estudar Renan, professor de hebraico do Colége de France, em sua oração à Acrópole (“Nobreza, ó beleza simples e verdadeira! Ó tu, deusa, cujo culto significa razão e sabedoria: tu, cujo templo é uma lição eterna de consciência e sinceridade. Tarde chego ao umbral de teus mistérios, e trago ao teu altar o meu remorso”)... E também Máximo Gorki, pseudônimo do escritor russo Alexei Maximovitch Pechkov que, além de mestre da pena, foi eleito pela classe operária o seu intérprete e pôde proferir jóias verdadeiras da oratória (“Cidadãos: certamente vos causará estranheza que eu me atreva a vos transmitir as reflexões de um profano em matéria de ciência, acerca da importância que ela tem na vida da Rússia renascente e da missão que cabe à ciência e aos sábios da nova etapa de sua história”...) E mais: Menendez Y Pelayo, com sua sindérese clarividente que aos 12 anos falava sete idiomas e ao discursar na Academia de História de Madrid, disse: “Não, o poeta não inventa, nem o historiador tampouco. O que faz um e outro é compor e interpretar os elementos dispersos da realidade. É no modelo de interpretação que diferem”... (“Que malvado produziu arte mais perfeita que César Bórgia? Que cavaleiro mais perfeito que São Luís”? E Anatole France discursando no Monumento a Renan? (“Todas as potências da terra crescem no

opróbio. Que os dominadores do povo olhem para baixo e penetrem entre os povos que oprimem e as doutrinas que desprezam. É dali que sairá a força que deve abatê-los“... A retórica tem sido objeto de nossos estudos e, através dela, nos há sido possível compreender os luminares da inteligência mundial, como esse mortal Ortega e Gasset que, ao discursar, costumava desculpar-se (“Receio fatigar vossa atenção”...) Gabriela Mistral, nome literário da escritora chilena Lucila Godoy de Alcayaga, Prêmio Nobel de Literatura, falando na Universidade de Porto Rico, declarou que o ponto nevrálgico dos males que afligem a humanidade são os ofícios e as profissões exercidas descuidadamente (“Político medíocre, educador medíocre, médico medíocre, sacerdote medíocre, artesão medíocre, esses são, em síntese, nossas verdadeiras calamidades”...) José Martí, líder revolucionário cubano (“Que pode dizer o filho preso que volta ver sua mãe através das grades da prisão?”...) A Retórica tem sido a arte que nos congrega, a mim, Alberto Oliveira, e a um animado grupo, objeto perene de nossas perquirições... Rui, Nabuco, Patrolino e tantos outros.

Nas inúmeras conferências proferidas pelo professor Alberto Oliveira na Academia Cearense de Retórica destaco a que fez sobre a Procedência Etnológica do povo cearense. Atraiu atenções. Disse Alberto: “Aqui no Ceará, os filhos de Abraão e os zingáros foram despejados. Mal sabiam as Cortes de Lisboa que estavam oferecendo de presente ao Ceará dois dos povos mais inteligentes do mundo; gente que sabia pensar e herdeiros de grandes habilidades intelectuais. Os hebreus e os ciganos - continuou o professor Alberto Oliveira - trouxeram para esta terra o cérebro e as mãos, deixando de herança para os cearenses o espírito ousado e a paixão pelo trabalho. Estas duas grandes virtudes são as alavancas com que eles constroem um mundo novo onde chegam”... A conferência de Alberto Oliveira dando os judeus e os ciganos vindos de Portugal como formadores da raça cearense suscitou movimentado debate na sessão de 13 de março de 1993.

## O Escritor

*Libri vivi magistri Sunt* (Os livros são mestres dos vivos)

Mas o que faz o professor Alberto Oliveira transpor, hoje, os umbrais deste vetusto Palácio da Luz, não é propriamente a sua condição de estudioso e praticante da arte de Demóstenes, Cícero e Quintiliano e sim, a sua condição de escritor e poeta no resplendor de suas atividades como autor consagrado dos seguintes livros: “Droga - Perigo Nacional”, “Juventude, Crise e Educação”, “Projeto de Educação Anti-Tóxico”, “Organizar Para Servir”, “Educação Perma-

nente”, “Educação Liberadora de Paulo Freire”, “Ressonâncias” e “Israel, Sua História e seu Povo”. Nesse último livro, diante do Muro das Lamentações, Alberto Oliveira escreveu: Lembrei-me de Abraão, em Ur, falando com Javé. Parecia-me ver Moisés ouvindo Deus no Sinai. De tanto contemplar aqueles hebreus, solidéo à cabeça, soles, em pranto, em também me senti com lágrimas nos olhos. Depois da leitura de suas preces, fechavam os volumosos livros do Torã (Bíblia) e quedavam-se, absortos, balbuciando seus rogos, olhos semi-cerrados, respeitosos diante de Javé”...

Também é digno de registro o capítulo que produziu sobre o túmulo de David, o mais famoso dos reis de Judá.

A obra em alusão descreve uma viagem de estudos do autor desde Belém até o Calvário. Porém sua experiência mais alongada foi viver por algumas semanas no Kibbutz Shefaym, onde fez um curso sobre os sistemas educacionais de Israel, seguindo o método Piaget, ali adotado, espécie de auto-educação, o professor oferecendo ao aluno a oportunidade de pensar, julgar e agir.

“O Kibbutz - esclarece Alberto Oliveira - é uma aldeia coletivista cujo comando é exercido por uma assembléia geral, uma vida comunitária onde “cada um produz de acordo com sua capacidade e recebe conforme sua necessidade”. “A Terra é comum” - frisa.

Um escritor leva a maior parte do seu tempo em leituras e pesquisas, revira toda uma biblioteca estudando, buscando, inquirindo para produzir um trabalho literário. O objetivo maior do escritor é testemunhar o seu tempo, como faz Alberto Oliveira; é filtrar a luz que lhe invade a alma.

Permiti-me digressionar um pouco pela literatura para justificar o que assevero sobre o papel de um escritor.

Ao fecharmos “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, pomonos a perguntar: Na verdade, houve delito? Capitu traiu Bentinho? Machado cria no íntimo da nossa alma as interrogações que atravessam os tempos. Mário de Andrade nos deixa marcas no espírito como em “Macunaíma”, em que “o herói sem nenhum caráter” vive mágicas façanhas, como soltar um berreiro “tão imenso que encurtou o tamanhão da noite e muitos pássaros caíram de susto no chão e se transformaram em pedras”, como se vê no capítulo primeiro dessa obra-prima. O que importa falar em deslizes de Lima Barreto com minúcias desnecessárias, se o conto “O Homem que sabia javanês” vara o tempo com inquestionável sucesso? O que vale discutir que a narrativa de Machado de Assis em “Esaú e Jacó” acaba com a morte de Flora, nada mais tendo que acrescentar e ainda

assim Machado juntou mais doze capítulos? “A Moreninha”, de Joaquim Manuel de Macedo, primeiro romance urbano da literatura brasileira - linguagem simples e coloquial - é uma obra medíocre? Isso não importa! “A Moreninha” conquistou o público leitor do país em todas as épocas. Alencar, o maior escritor brasileiro conforme Machado de Assis, buscou em vários ramos a sua perpetuidade: na fase indianista, lendas e mitos da terra aborígine, como “Iracema”; na urbana com “A Viúvina”, “Cinco Minutos”, “A Pata da Gazela”, “Senhora”, “Diva”, “Lucíola”; histórica com “O Gaúcho” e “O Sertanejo” e social com a cidade, o campo, o índio, o branco... E de que valeram as acusações e críticas destrutivas de Franklin Távora? O escritor pode se celebrar com muitas obras como Machado de Assis e José de Alencar ou com apenas uma obra como Manuel Antônio de Almeida em “Memórias de Um Sargento de Milícias” e Raul Pompéia com “O Ateneu”. O escritor é senhor do seu tempo: avança no futuro como fez Júlio Verne, precursor da ficção científica. Alberto Oliveira especializou-se em pedagogia e seus livros prestam relevantes serviços ao Ceará e ao Brasil. Um escritor nato, ainda em ascensão, pois muito produzirá sua multiforme inteligência.

## O Poeta

Poeta... *“Es el gran luminoso y es el gran tenebroso/ Larubia Primavera le elige por esposo/ el se acuesta con todas las flores de las cimas/ Las flores le dan besos para que él les dé rimas”.*

(É o grande luminoso e o grande tenebroso / A loura Primavera o elege por esposo / Ele se deita com todas as flores dos cimos / As flores dão-lhe beijos para que ele lhes dê rimas).

É também na condição de poeta que o professor Alberto Oliveira adentra a Academia Cearense de Letras. “Ressonâncias” é um livro de poesia de sua lavra, do melhor bom gosto.

“Ser poeta, disse Alexandre Herculano, é o perceber à custa de amarguras que o existir é padecer, o pensar descrever, o experimentar enganar-se, e a esperança nas coisas da terra uma cruel mentira de nossos desejos, um fumo tênue que ondeia em horizonte aquém do qual está assentada a sepultura. Este o acordar do poeta...”

E Lamartine assim escreveu: “Que é a poesia? Como tudo que

é divino em nós, não se pode defini-la nem por uma palavra nem por mil. É a encarnação do que o homem tem de mais íntimo no seu coração e de mais divino em seu pensamento, do que a natureza tem mais magnífico nas imagens e de mais melodioso nos sons”...

“Quando as longas horas vagas e o vazio dos sentimentos perdidos me proporcionarem esta espécie de canto interior que se chama poesia, minha voz se transformou, e este canto ficou triste com a vida real. Todas as minhas fibras enternecidas pelas lágrimas, choravam ou rezavam, em vez de cantar. Eu já não imitava ninguém, eu exprimia a mim mesmo para mim mesmo”.

Vivem os poetas voltados para o interior da alma, para o mundo íntimo, cantando em versos os seus desenganos e os seus sofrimentos. Fernando Pessoa em sua “Autopsicografia” disse:

“O poeta é um fingidor  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente”.

E assim variando de conceito em conceito, percorremos o orbe dos poetas. Num soneto de muito lirismo, Luís Vaz de Camões assim se expressou:

“Eu cantarei o amor tão docemente  
Por uns temos em si tão concertados  
que dous mil acidentes  
namorados faça sentir ao peito que não sente”...

Amor, tristeza, dúvida, desencanto, fazem parte do coro dos poetas em todas as línguas e em todas as raças. Pablo Neruda, no preâmbulo do seu livro “Cem Sonetos de Amor” dedicado a Matilde Urrutia, escreveu: “Senhora minha muito amada, grande padecimento tive ao escrever-te estes mal-chamados sonetos e bastante me deram e custaram, mas a alegria de oferecê-los a ti é maior que uma campina”... E Rainer Maria Rilke em “O Poeta”:

“Vai-te para longe de mim, hora. O bater de  
tuas asas me excrucia. Mas de minha boca, que  
fazer agora? E de minha noite? E do meu dia?”

E Konstantinos Kavafis, poeta grego de Alexandria:

“Os dias idos ficaram para trás, triste fila dos  
círios apagados”...

O professor Alberto Oliveira mergulha na complexidade da vida, no vaivém das emoções, para cultivar a poesia. “Ditchter lieben nitch

zu schweigen" - disse Goethe num verso famoso. É o que faz Alberto Oliveira, o orador, o escritor e também o poeta. "In jiden tucjtigen Menschen steck ein Poet" (Em cada homem de talento há um poeta") como afirmou Marie Von Ebner - Eschenbach. Esse talento sobressai no autor cearense que glorificanos nesta noite.

"Versos espontâneos, quentes de sentimento", classificou Jáder de Carvalho no prefácio de "Ressonâncias". "Mãe, os teus cabelos ficaram brancos como sujados pela cinza do tempo".

"As sombras dançavam nas paredes, como fantasma, povoando de assombrações tuas madrugadas".

"Este botão, fechado ainda  
vai ser uma rosa aberta,  
na primavera que vem"...

Alberto Oliveira canta com delicadeza esmerada o "Natal do Menino Pobre":

"A natureza chorou o pranto do orvalho.  
O céu chorando pingos de luz.  
As estrelinhas eram lágrimas brancas  
rolando na face do céu".

.....

"Fui alga, gérmen,  
Larva, réptil e símio"...  
"Abominei o mundo  
Das feras e dos brutos  
E fiz-me o troglodita das cavernas"...

Também canta as coisas simples:

"A cacimba secou na minha casa  
O último lençol d'água escondeu-se  
Na areia frouxa do quintal".

E mais:

"O homem caminhava só  
mirando no infinito,  
o contorno das coisas impalpáveis..."

E também:

“O sol projetava  
O talhe imenso de seu corpo  
No espelho líquido das águas”...

“O livro “Ressonâncias”, de Alberto Oliveira, assim escreveu o saudoso poeta Carlyle Martins, é um relicário de poesias... Escrínio de amavios e encantos, com poemas de feição lírica provando que o autor é verdadeiro poeta”.

E por ser Alberto este lírico de que nos fala Carlyle Martins com sua proclamada autoridade, consenti uma nova digressão pelo que, de já, anticipo minhas desculpas.

## Literatura e Poesia Lírica

Senhores;

É bem antes de Cristo, na Grécia antiga, como sabeis, que vamos encontrar as primeiras reflexões do que se chama literatura. O nome de Homero se tornou célebre pelos versos da “O Odisseia”, a narrativa do guerreiro grego Ulisses que, após muitas aventuras, retornou aos braços de Penélope. Cultivaram os gregos não apenas a poesia, mas também o teatro nascido dos textos de Ésquilo, Eurípedes e Sófocles. Reflitiram, as encenações dramáticas, os grandes problemas existenciais do homem, na trama das tragédias. Portanto, coube aos gregos as primeiras discussões do que representa a literatura, embora a palavra usada fosse bem outra. Platão foi rigoroso demais com a poesia. Desejava dissipá-la por considerá-la o avesso das coisas. Aristóteles defendeu a poesia da condenação de Platão.

Nos templos, nas praças, nos teatros, a literatura abrangia as atividades coletivas. Com a expansão das conquistas gregas sua cultura amplia-se para o mundo então conhecido. Na Roma antiga, o pensamento humano se desenvolvia por um lado do lírico, do épico e do dramático e por outra forma através de fenômenos literários como a epopéia, a tragédia, a comédia, a canção, o hino, o romance.

O lirismo foi, na velha Roma, uma realidade literária que se confundiu com o anímico e objetivo. O lirismo, naquela fase da humanidade, é a canção, o hino, a ode, a alegria, o epigrama, até mesmo inserindo-se a sátira que conduz elementos dramáticos e líricos.

Na Grécia, era a poesia lírica acompanhada pela dança com a música a servi-la, a música saída da lira, do bárbito da flauta. Era a



poesia elegíaca, a poesia iâmbica, a ode ou canção e o lirismo coral.

Os helenos não tinham a poesia elegíaca por chorosa e triste, mas toda a poesia que significasse sentimento, sendo até mesmo a belicosa, com Calino de Éfeso e Tirteu, moral e filosofia com Sólon e Teógnis, com Menermo a amorosa.

A poesia lâmbica foi representada na Grécia por Arquíloco de Paros a proceder vingança contra Licambes, que não lhe permitira a mão de Neobula, por Simônides de Amorgos e pelo criador do escazonte ou colíambo, Hipônax de Efeso.

Cultivava-se na Grécia a ode ou canção ligeira, “canto de mesa e de amor — conforme a pesquisadora Aída Costa — em metro variado, lâmbico, pitiâmbico, arquiloquiano, alomaniano, hiponateu, sálico asclepiadeu ou alcaico”.

No que tange ao lirismo coral, coros de música e dança, perpetuou-o a poesia imperecível de Píndaro.

Na Roma primitiva, exerceu-se o lírico, o dramático, o didático, o oratório, provavelmente o épico. Havia a lírica religiosa e a lírica profana. Chegou até nós a lírica religiosa através de fragmentos do Carmem Fratum Arualium, do Carmen Saliorum, dos Oráculos, atribuídos a Fauno, a Carmenta e às Carmentas. Como lírica profana tivemos as rênias, os epitáfios escritos nas lousas sepulcrais e as inscrições triunfais gravadas no Capítulo pelos heróis vencedores das grandes batalhas. Por incumbência dos decênviros escreveu Lívio Andrônico, ressaltado por Aída Costa, um hino a Juno cantado por vinte e sete virgens. Da Europa, as frágeis embarcações dos colonizadores levaram a literatura para as vastas plagas, vindo até o Brasil. E não é sem espanto que, vez por outra, inclusive pela televisão e pelo teatro, a luz do mundo grego resplandece até nós. Roma absorveu a cultura grega e a difundiu em suas colônias.

Em todas essas fases da humanidade, a literatura cumpriu diversos papéis na existência do homem e da coletividade. Sorvemos a nossa literatura nas fontes da Grécia e de Roma. Homero e Virgílio serão sempre eternos.

Hoje, recebemos aqui além do orador e escritor, um poeta lírico, daí esta digressão sobre literatura e texto lírico.

Professor Alberto Oliveira:

Tendes aqui a salutar convivência desses afetuosos companheiros que tanto se regozijam com o vosso ingresso nos quadros da imortalidade acadêmica.

Amai cada vez mais esta Casa que, há bem pouco, comemorou um século de existência profícua em meio à aclamação do povo cearense.

Sois muito estimado neste areópago das letras e a vossa cultura há de refulgir como merece.

Professor, administrador público, advogado, escritor, orador, poeta, estais à altura deste cenáculo da inteligência. Entrais para a Academia através do peso do vosso Mérito em eleição unânime e consagrada.

Meu caro Alberto Oliveira: Foi a religião que nos entrelaçou antes das nossas lides literárias e acadêmicas. Quando éreis vigário da paróquia de Nossa Senhora de Nazaré, no bairro do Montese, pude aquilatar o vosso zelo apostólico e quando o destino vos trouxe do ministério sacerdotal para os degraus da vida cultural viestes com a mesma fé e a mesma bondade.

Hoje, um cristão recebe outro cristão na Casa de Thomaz Pompeu e, juntos, haveremos de propagar as maravilhas do Evangelho como tônica da nossa mensagem literária.

O escritor, o poeta, o orador devem usar a literatura para cumprir as exigências de sua fé, no dorso feral deste planeta corrompido e no qual dois terços da humanidade passam fome e sofrem atentados aos seus direitos e à sua cidadania. “Canghidzá dienkéria inaró fuféadi” — desta forma os nossos irmãos convertidos repetiam Jesus no Sermão da Montanha (Bem-aventurados os que choram porque eles serão consolados).

Sede bem-vindo, professor Alberto Oliveira.

Recorro a outra língua dos silvícolas. Desta vez, o tupi:

*Iché ce rori* (Eu estou alegre).

*Inê re rori* (Você está alegre)

Estamos todos de corações abertos. A casa é vossa.

Palácio da Luz, 15/12/1995